



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Veículo: CORREIO DE SERGIPE
Identificação: GERAL A5
Data: 20/11/2012

Precariedade assola ortopedia do HGJAF

Atualmente, os pacientes do Hospital João Alves sofrem dias ou meses na fila de espera por uma cirurgia ortopédica

Acácia Mérci
acaciame@comodesergipe.com

A precariedade do serviço de ortopedia do Hospital Governador João Alves Filho é, mais uma vez, alvo de críticas e insatisfação dos pacientes e familiares que o acompanham. Dessa vez, a família do autônomo Hubaldino Souza de Arimatéia luta para que ele possa realizar uma cirurgia para colocar uma platina na perna direita. Ele acidentou-se no dia 02 de novembro, fraturou a perna em dois lugares e desde então encontra-se na unidade hospitalar. Segundo a irmã dele, a esteticista Eliete de Arimatéia, o procedimento não foi realizado porque não há médicos ortopedistas à disposição.

"Logo quando ele teve a fratura, deu entrada no hospital, fez a cirurgia para colocar os ferros na perna. Desde então, ele passou doze dias no centro cirúrgico porque não tinha vagas nas outras alas do hospital, nem medicamento para suprir a dor. Hoje, ele encontra-se na Ala C-

22, mas precisa de uma nova cirurgia para colocar a platina. Hubaldino vive reclamando de dor, de falta de assistência. Procurei a assistente social, que negou a inexistência do medicamento. Depois que ameacei em fazer 'barulho', logo apareceu o remédio", relata Eliete.

A esteticista destaca ainda que o problema não foi apenas com o seu irmão. Somente nesse espaço existiam mais de 50 pessoas na mesma situação que ele e não são assistidas como deveriam. Ela conta que eram crianças, jovens e até idosos à espera de um procedimento.

"Parece um filme de terror, um cenário de guerra. A superlotação no centro cirúrgico é uma falta de respeito, muito desumano. O próprio Ministério Público foi até lá e determinou que fossem retiradas as pessoas e distribuídas nas alas pertinentes. Meu irmão foi muito mal tratado pelos próprios profissionais do HGJAF, que alegavam insatisfação por não ter recebido o salário na data certa", descreve.

Eliete denuncia ainda a irresponsabilidade de alguns profis-



■ Eliete: "parece um filme de terror, um cenário de guerra"

sionais no centro cirúrgico e na Ala C. Ela lembra que até resultados de Raio X já foram trocados. "Quando se está em um hospital, é preciso vestir a camisa. Não se pode descontar os problemas nos pacientes que estão lá. Meu irmão fez um Raio X e eu que tive que procurar onde estava por quase duas horas. Resultado: foi parar no leito de outro paciente. Tudo deixa a desejar", diz.

Enquanto isso, Hubaldino e outros pacientes aguardam a disponibilidade dos médicos

para que sejam feitos os procedimentos cirúrgicos no Hospital Governador João Alves Filho. Ainda de acordo com a irmã dele, a direção da unidade disse que a cirurgia foi remarçada porque o médico que o atende se afastou da atividade porque precisou fazer uma cirurgia de hérnia, sendo que existem outros ortopedistas que fazem parte da escala (determinação exigida pelo Ministério Público Estadual - MPE).

"Quando foi ontem, um senhor sofreu um acidente, que-

DESCASO DENTRO DO MAIOR HOSPITAL PÚBLICO DE SERGIPE CAUSA INDIGNAÇÃO EM PACIENTES E FAMILIARES

brou a bacia e ficou 45 dias internado na UTI. Marcaram a cirurgia para quinta-feira passada e não foi feita. Com meu irmão foi algo parecido. O médico pediu que fizessem todos os exames em Hubaldino e até agora disseram que o médico dele só retornará em 15 dias. As pessoas estão sofrendo com fratura exposta, com atraso nas cirurgias e isso não se pode ficar. É uma coisa de louco! É inadmissível. Se tem que ficar três médicos por plantão e um se afasta, onde estão os outros?", reivindica.

• Tempo

A demora na cirurgia e, principalmente, o descaso dentro do maior hospital público de

Sergipe causa revolta e indignação à família de Eliete e às demais que estão há uma semana, quinze dias e até um mês aguardando a alta médica do familiar.

"Eles brincam com a saúde da população. Pagamos impostos para ser bem atendidos. Não existem macas, não há uma dipirona para aliviar a dor. Meu irmão está bem, mas precisa da cirurgia para colocar a platina e tirar os ferros. Ele está ocupando uma cama e tirando a vaga de pessoas que estão bem piores que ele. Meu irmão só está tomando remédio porque minha cunhada comprou. É muito complicado. As pessoas ali dentro precisam ser tratadas como seres humanos. E isso não acontece! Quero que façam algo não só pelo meu irmão, mas por todos que estão ali", desabaфа Eliete.

A equipe de reportagem do jornal *Correio de Sergipe* entrou em contato com a Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Saúde (SES), mas até o fechamento desta edição, não obteve retorno.